

O ESTAFETA

ÓRGÃO DA FUNDAÇÃO CHRISTIANO ROSA

DISTRIBUIÇÃO GRATUITA

PIQUETE, MARÇO/2000- ANO IV - Nº 38

EDITORIAL

A Campanha da Fraternidade deste ano tem como tema “Dignidade Humana e Paz: Novo Milênio sem Exclusões”. Pela primeira vez será ecumênica e voltada para o social.

Objetiva a campanha chamar a atenção da comunidade para os excluídos sociais e sensibilizar toda a população, independentemente da Igreja a que se filia e da Fé que professa, a se unir na busca de soluções que acabem com as desigualdades sociais. Para isto, é preciso que todos compreendam o alcance do tema escolhido e atendam ao apelo da campanha, mobilizando-se em prol dos excluídos.

Com a comemoração dos 500 anos do Descobrimento do Brasil, se lançamos um olhar retrospectivo sobre nossa história, veremos inúmeros casos de violação da dignidade humana, que iniciou com a colonização do país e se arrasta até hoje. Pensando nas violências cometidas contra as populações indígenas e de origem africana, e na situação atual de milhares de brasileiros que sobrevivem em extrema pobreza, sem acesso à saúde, moradia, alimentação, emprego, educação, cultura, etc, concluímos quão grande será o nosso empenho para pôr fim às exclusões.

Pelos noticiários, assistimos, passivamente, a fatos que violam os direitos fundamentais dos cidadãos e nada fazemos para reverter essa situação. Normalmente, culpamos nossos governantes ou os detentores de poder pela não solução dessas questões. No entanto, o apelo da Campanha da Fraternidade é para o envolvimento individual na busca de um futuro melhor, sem injustiças sociais. É preciso mudança de postura e participação de todos no dia-a-dia da cidade em ações que concorram para a promoção humana e o aprimoramento do social.

A Paz, que é por todos desejada, é fruto da justiça e do pleno respeito aos direitos humanos. Temos esperança de que o Novo Milênio será sem exclusões. Os grandes desafios serão vencidos e uma nova sociedade edificada. A Paz e a Justiça se abraçarão. Só depende de nós.



Antiga sede da Fazenda “Estrella do Norte”, que pertenceu ao Comendador Custódio Vieira. Em julho de 1905, foi vendida pelos seus herdeiros para o Governo Federal. Foto da década de 20.

Ecumenismo para quê?

A Campanha da Fraternidade Ecumênica do ano 2000 é anunciadora de novos tempos no campo religioso brasileiro, na procura da eficácia da evangelização.

Ecumênico é quem pratica o sentido conciliar de conviver religiosamente com os praticantes de todos os cultos e confissões, nos quais a busca do sobrenatural é mensagem de transcendência espiritual.

Para os cristãos, que aceitam a existência de uma alma com sopro divino, é a revelação e a promessa de uma vida eterna, garantindo o sentido de uma existência terrena pelo beneplácito de um batismo e de um testemunho de fé.

A palavra ecúmeno, que vem do grego, indica a área habitável, ou efetivamente habitada, do planeta, onde a vida é, ou torna-se possível por meio das ações humanas que a dirigem e coordenam. Tem o sentido da universalidade da ocupação humana do planeta, que lhe serve de casa e do qual tira seu sustento.

Do ponto de vista religioso, é a possibilidade de aceitação dos que crêem e, portanto, irmanam-se na convivência e no diálogo, pois são todos filhos de um mesmo Criador.

A palavra deriva também do movimento surgido nos primórdios do Cristianismo, representado por todos os povos a quem deveria se dirigir a pregação do Evangelho. Afinal, os homens estavam dispersos sobre a Terra, com a Igreja reconhecendo neles seus filhos, e eles, nela, a possibilidade de reunião. Nas mensagens, estavam os traços dessa união e nos locais, as possibilidades para os encontros.

Na História, são registrados vários momentos nos quais a idéia da união

sobrenada às ondas das dissidências e dos divórcios de opiniões, fundamentando doutrinas às vezes radicalizadas.

Os projetos da Igreja Católica para o ano Jubilar de 2000 incluem, na palavra de João Paulo II, a manifesta disposição para a crença em uma identidade substancial, que, baseada na mensagem de Cristo, apresenta-se pela forma irmanada de se conduzir pela Terra, na busca da eternidade.

Não é sem motivos, portanto, que o Papa, chamado Peregrino, visita todos os lugares do planeta e dialoga com todas as comunidades religiosas, às vezes enfrentando terríveis oposições, as quais encara com naturalidade e imprime, na contemporaneidade, uma imagem predestinada, cujo desenho, combinado às viagens, traduz-se num espelho de rotas direcionadas por um só caminho. Por isso, as veredas, as sendas, as encruzilhadas podem ter uma cartografia confusa, mas seja qual for a religião - a do Deus de Israel, a do Senhor Jesus dos batizados, ou de Alá, o Profeta -, num ponto todas se parecem: no destino. Cabe aos homens, como o Papa, e os outros de grande inspiração, anunciar os grandes caminhos das pequenas variantes.

Reconhecer as semelhanças e diferenças como representações das biotipologias, mas também das opções. Na religião, quando o ser se religa ao transcendente, assume o compromisso de reconhecer o outro diferenciado, mas irmão.

Santa Teresa de Ávila, por inspiração divina, fala-nos das muitas moradas no coração do Senhor, portanto, nos diferentes modos de se chegar a Ele.

O que deseja o ecumenismo hoje?

Imagem - Memória



Fazenda da Limeira. Pertenceu ao Cel. Luiz Relvas, que a vendeu ao Governo Federal, em julho de 1905, para instalação da Fábrica de Pólvora.

A escolha do local para a instalação da Fábrica

Coube ao Barão da Bocaina a iniciativa e o empenho para que aqui se instalasse a Fábrica de Pólvora sem Fumaça, que veio revolucionar a indústria química brasileira e desenvolver nossa região.

No início deste século, a recém-emancipada Vila do Piquete vivia um período de profundo desalento. Os cofres municipais vazios não permitiam que fossem executadas obras públicas necessárias. A única fonte de renda do lugarejo provinha do café, que, cada vez mais, produzia menos. Restava aos seus poucos habitantes uma lavoura de subsistência ou com um incipiente comércio de beira de estrada.

Essa situação crítica não era apenas da nova vila: a maioria das cidades valeparaibanas, que na segunda metade do século XIX, haviam conhecido o fausto e o desenvolvimento proporcionados pelo café, amargavam um período de estagnação e desemprego.

Devido à baixa produtividade dos cafezais, decorrente de inúmeras causas, ocorreu a migração do café para as férteis terras do oeste paulista. Atrás dele foram os grandes produtores valeparaibanos com seus capitais.

A salvação de Piquete e das cidades circunvizinhas ocorreu com a vinda das obras militares para a região e os benefícios delas advindos.

Até a inauguração da Fábrica, o Brasil dependia da importação de explosivos e munições para suprir as necessidades de nossas forças armadas

e, conseqüentemente, assegurar a soberania do seu território.

Durante o governo de Campos Sales, seu Ministro da Guerra, Mal. Mallet, dentro de seu plano de obras, previa a construção de um sanatório militar para tuberculosos e de uma fábrica de pólvora sem fumaça.

O Barão da Bocaina, ciente dos planos do Ministro, se antecipou, oferecendo, gratuitamente, terras de sua propriedade ao governo, para que nelas se instalassem as obras desejadas.

Promoveu a vinda do Ministro da Guerra, que chegou a Lorena acompanhado de altas patentes do Exército e de técnicos, na manhã do dia 11-01-1902. No mesmo dia, à tarde, ele e a comitiva chegaram à Vila do Piquete, onde a população e autoridades os receberam com festas. Hospedou-se no Hotel Santa Cruz, propriedade do Tenente José Mariano, chefe político local. Na manhã seguinte, rumou para São Francisco dos Campos, vila criada pelo Barão da Bocaina, a três léguas de Piquete.

O Ministro e a comitiva permaneceram por três dias em São Francisco, onde, após exames, escolheu a planície de Lavrinhas, no alto da Mantiqueira, para a construção do Sanatório, e a região do vale do Rio Benfica, em terras piquetenses, para a construção da Fábrica de Pólvora sem Fumaça. Determinou, também, a construção de um ramal férreo que, partindo de Lorena, passasse por Piquete, atingindo a região do Benfica.

Constituiu-se uma comissão constru-

tora do ramal férreo e outra do sanatório militar, e as obras tiveram início imediato.

Mais tarde, em 1904, no governo de Rodrigues Alves, seu Ministro da Guerra, Mal. Argolo, em viagem de inspeção às obras do Exército aqui na região, após minuciosos estudos técnicos, concluiu que a região da fazenda “Estrella do Norte” era a mais indicada para a instalação da Fábrica. O local atendia às exigências estratégicas no campo da segurança, devido à topografia, e no técnico, pelos recursos naturais, abandonando a oferta inicial do Barão da Bocaina, na região do Benfica.

Em julho de 1905, ocorreu a compra, pelo governo, das fazendas “Estrella do Norte”, “Limeira”, e “Sertão”, e, nesse mesmo mês, tiveram início as obras de construção da Fábrica.

O ESTAFETA

Fundado em fevereiro / 97

Diretor Geral:
José Palmyro Masiero

Jornalista Responsável:
Rosi Masiero - Mtd-20.925-86

Revisor:
Francisco Máximo Ferreira Netto

Redação:
Rua Coronel Pederneiras, 204
Tels.: (012) 556-1192 / 556-1207

Correspondência:
Caixa Postal nº 10 - Piquete SP

Editoração: Marcos R. Rodrigues Ramos
Laurentino G. Dias Júnior

Tiragem: 1.000 exemplares

A redação não se responsabiliza pelos artigos assinados

GENTE DA CIDADE

“Seu” Domingos

A responsabilidade para com a Sociedade de São Vicente de Paula faz com que “Seu Domingos” deixe sua família preocupada: do alto de seus 84 anos – nasceu a 6 de março de 1916 –, sai de casa para receber as contribuições para a Conferência da qual faz parte desde 30 de outubro de 1955. O trabalho requer horas de caminhadas, exigindo muito de sua saúde.

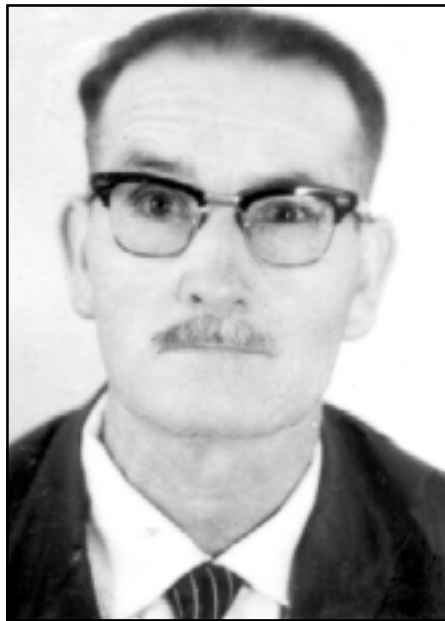
Mas essa foi, e ainda é a rotina de Domigos Floriano Teixeira, mineiro de Itajubá, que veio para Piquete em 1947.

O trabalho na Sociedade de São Vicente de Paulo, entidade da qual foi presidente por várias vezes, sempre foi ativo: as campanhas do quilo, do Natal para os pobres e outras foram uma constante nesses quase 45 anos de dedicação. Atualmente, exerce a função de tesoureiro.

Seu Domingos, ao chegar a Piquete, foi residir no bairro do Bambuzinho, atual Santo Antônio, onde mora até hoje, para trabalhar na Fábrica Presidente Vargas. Trouxe consigo a mulher, Dona Florentina Manoela Teixeira, com quem está casado há 60 anos, e os cinco filhos, que nasceram em Itajubá. Teve, no total 11 filhos, dos quais nove ainda estão vivos. Desse resultaram 9 netos e 1 bisneta.

Na Fábrica, exerceu várias atividades, das quais se lembra com clareza excepcional. Começou no “5º Grupo”, trabalhando na área de fabricação de explosivos. De lá foi para o “1º Grupo”. Por motivos de saúde, foi transferido para a Área de Pessoal, “... com a função de bagageiro: eu era o responsável por compras, mensagens... era o estafeta da Fábrica!”. Orgulha-se de ter servido os Majores Pinheiro e Mauro Maurício. Chegou a trabalhar, também, na manutenção da ferrovia, sendo responsável pelo trajeto da estação da Estrela até o 1º Grupo.

Em 1987, aposentou-se, mas continuou a trabalhar até 1992, cuidando da área do



acero, corta-fogo que protege a região da reserva verde da Fábrica. Sente-se envidado por ter sido responsável pela “... tão bela região de Mata Atlântica que existe em nossa cidade...”. Dessa época, lembra-se de ter avistado vários animais, como a jagatirica, macacos, etc. Os sons dos pássaros e da mata o encantam até hoje.

É atuante, também, na Congregação Mariana, na Conferência de Nossa Senhora do Livramento. É o responsável por angariar donativos para as despesas de 8 famílias.

O futebol foi outra paixão. Como presidente do “Esporte Clube 1º de Novembro”, incitava a determinação da equipe, dizendo-lhes “... sofro do coração, portanto não posso perder...!”. O time foi tetracampeão na década de 50, lembra, com alegria.

Hoje, vive cercado do carinho da família e amigos. Emocionado, ampara-se nas lembranças do que já viveu e no contínuo trabalho em prol dos mais carentes, sempre vislumbrando um futuro melhor.

Diretoria do “Esporte Clube 1º de Novembro. A partir da esquerda: Seu Domingos, Dedé, Jaime Dotta, Sargento Damas, Floriano (Zé Gaia), Geraldo Pires, José Damas. Foto da década de 50.



Foto arquivo Pro-Memória

Cidadão atento

Luiz Flávio Rodrigues

Você sabia que temos um Código Florestal? Nele encontramos as leis que regem o uso e o manejo de nossas matas e florestas. Mas quem o conhece? O que ele diz? Posso até ouvir agora enquanto você pensa: “Sei lá!”. A proteção de nossos recursos naturais depende dessas leis que estão aí para ser cumpridas, não descumpridas. Matas ciliares, encostas com acíves acen-tuados, mananciais, tudo isso está lá. Existem regras para desmatamento e uso do solo, mas quem liga? Não existe fiscalização, não é mesmo? É uma pena! O Ministério Público existe para receber denúncias de desrespeito a esse código. Você também é um fiscal, aliás, o cidadão é sempre um fiscal. Quando você observar alguém desrespeitando a natureza, a fauna ou a flora, denuncie. Encaminhe um ofício ao promotor público, protocole esse documento no fórum de nossa cidade. Em breve estaremos distribuindo um folheto com as partes principais de nosso Código Florestal e um modelo de ofício. Cabe aos professores de nossa rede de ensino, seja lá de que disciplina for, envolver seus alunos nessa cruzada de cidadania. Ensine aos seus alunos que eles podem pressionar seus pais para que não deixem esses criminosos impunes. Vocês, aposentados, idosos, lembrem-se, vocês não são inválidos; todo cidadão, como tal, é válido. Corre no Congresso Nacional o “Novo Código Florestal”. Você já ouviu falar dele? Pois é, está lá. Restam-nos apenas cerca de 8% da Mata Atlântica no estado de São Paulo. Se esse novo código for aprovado - Deus queira que não -, nem isso teremos. Os parlamentares, pressionados pelos grandes latifundiários, de um lado, entidades ambientalistas, de outro, buscam uma posição. Pressione, escreva para seu deputado, bote a boca no trombone. Não deixe passar em branco fatos importantes como esse. Aprenda de uma vez: “Você é quem paga as autoridades, com seus impostos, embutidos no que você come, veste, usa. Você é o dono de “nossas” matas, de nossas ruas, de nossas praças. Você é patrão dos vereadores, dos funcionários públicos, dos prefeitos, deputados, governador, presidente. Faça valer sua posição de patrão, exija respeito e atenção. Na hora de votar lembre quem você é, não deixe que comprem seu voto com quinquilharias, trocados e favores. Saúde, ambulância, limpeza pública, calçamento e atenção são deveres das autoridades e direitos seus. Não troque seis por meia dúzia. Ou você quer ficar onde sempre esteve? Em qualquer situação, seja cidadão!

Piquetense, participe das sessões da Câmara!

Procure conversar com os Vereadores. Apresente idéias, dê sugestões e cobre soluções.

Memorial dos Moradores de Piquete - 5

João de Deus

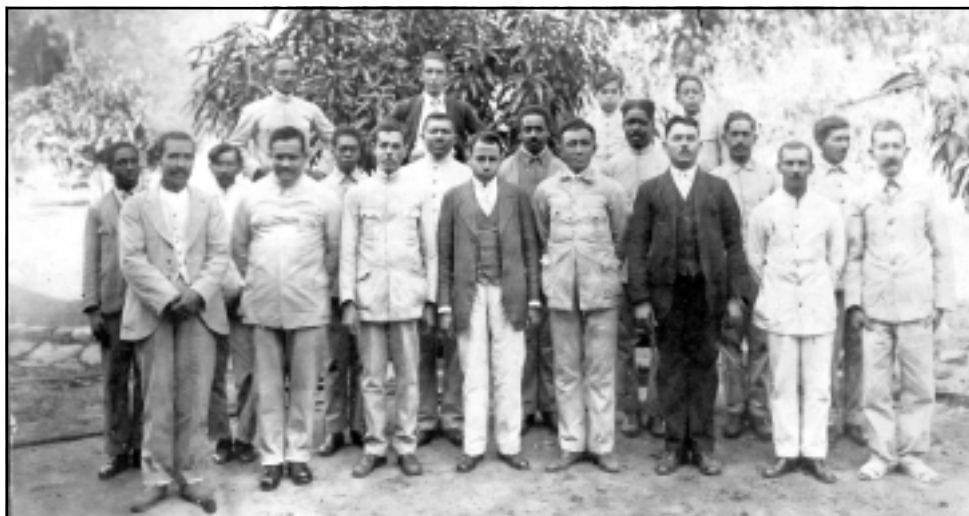


Foto arquivo Pro-Memória

Antigos funcionários do 2º Grupo da Fábrica de Pólvoras sem Fumaça. Na primeira fila, da esquerda para direita, o terceiro é o Sr. Chiquinho Máximo e o quinto, o Sr. Kantionílio C. Pauferro

Uma vida secular.

Um amigo muito caro desde o tempo de meus avós dá-me o privilégio de uma conversa na tarde de 30 de dezembro de 1999. É ele João de Deus, um piquetense de corpo e alma, nascido a 8 de março de 1898.

Atravessou o século XX, vindo do XIX, e em condições de saúde exemplar, vai chegando ao XXI: memória perfeita, linguagem bem cuidada, cultor da bela flor do Lácio, lucidez invejável e agudeza de espírito. Poeta de belos e inúmeros sonetos que, segundo ele, devem ultrapassar os 5000, quase todos publicados. É um mestre das rimas e dos versos bem construídos. Invejável. Vive de suas lembranças. Quem tem memórias está sempre vivo.

Caminha, impávido, nos seus 102 anos.

Lembra-se, com carinho, de ser conhecido em Piquete, na infância e juventude como João da Camila. Este era o nome de sua mãe. Dona Camila de Oliveira Palma. Do pai, que tinha a profissão de barbeiro, não se lembra, pois morreu quando João era muito pequeno.

Sabe ser descendente de um capitão-mor acompanhante do Imperador, encantado por uma escrava que lhe deu frutificações.

Salienta que Dona Camila, irmã de Dona Francisca de Oliveira Pauferro, lutava com muitas dificuldades para criar os filhos, dos quais João era um dos menores quando lhes faltou o pai. Em terreno no morro do Cruzeiro, cedido pelo Cel. José Mariano, a mãe construiu o lar.

O avô materno era Francisco Alves de Oliveira Sene, e a avó não chegou a conhecer.

Nascido no dia de São João de Deus, recebeu o nome de seu orago, e assim foi batizado pela tia Chiquinha e seu marido Kantionílio Caramuru Pauferro, mestre na Fábrica e ex-prefeito de Piquete, de origem alagoana.

João começou a trabalhar logo cedo, mal saído dos bancos escolares, onde aprendeu a cultivar a letra bonita que lhe granjeou simpatias e abertura de caminhos. Refere-se ao mestre eficiente: Bento Chagas. O ensino primário era rigoroso e garantia ao bom calígrafo os ofícios na burocracia. Nos inícios do século XX a escrita era manual, e o aprimoramento da execução era exigido.

João no trabalho

Trabalhou, inicialmente, no armazém de meu avô materno Maximiano Diniz de Oliveira. Era engarrafador de vinhos. Recebido em

casa por minha avó Chica (Francisca Ribeiro da Silva), aí almoçava. Refere-se a eles, com simpatia, numa volta agradável no tempo.

Diz-me que gostava dos esportes: o joguinho de futebol e as caminhadas a pé a Lorena. Viu nascer o E.C. Estrela.

Conseguiu uma bolsa de estudos no Colégio São Joaquim, onde ingressou como futuro seminarista. Ia bem nesse projeto quando perdeu a possibilidade ao ser flagrado conversando com uma moça no jardim em Lorena. Tratava-se de simples conversa, mas o bastante, na interpretação dos padres, para lhe tolher a carreira.

Até aí já acumulava algumas importantes experiências. Do trabalho na Fábrica faz as seguintes considerações: tornou-se aprendiz trabalhando no 2º grupo. Aí os mestres, meu avô paterno, Francisco Máximo Ferreira, e tio Kantionílio, evidenciaram sua capacidade e presteza para o trabalho requerido. Era escriturário e tornou-se encadernador. A curiosidade aguçada tornava-o bom prestador de serviços.

João é músico

Também dedicou-se à música. Foi, com Inácio Rodrigues e Teófilo Amorim, aluno do professor Bonfiglio de Oliveira, mestre de música contratado em Guaratinguetá,

João de Deus. Foto de 27-10-1929



Foto arquivo Pro-Memória

pelo Cel. José Mariano. Bonfiglio, um mulato, bom mestre de música, voltou para Guaratinguetá na falta da remuneração prestativa. João, curioso, tentava tocar o órgão da igreja e a flauta, e por seus empenhos junto ao coro da Matriz, era estimulado pelo barítono e flautista Chiquinho Máximo, e Azer Arantes, que lhe dizia: "Você dá prá esse negócio". Um sorriso acompanha essa cálida memória.

Os fragmentos desse memorial dão-lhe brilho aos olhos vividos. Lê, sem auxílio de óculos. Mergulha no tempo, sem parar de falar.

João e seu destino

Caixeiro, ex-futuro seminarista, aprendiz de ofício e música, esportista amador no futebol e na natação, João foi ser soldado. Como soldado, foi para Itajubá, onde hoje mora e é o último dos fundadores vivos do 4º Batalhão de Engenharia – o dos Pontoneiros da Mantiqueira. Avisa-me que pontoneiros são os construtores de pontes.

Daí, foi galgando postos até chegar a Sargento. Continuava a prática de esportes, que lhe garantia boas performances, saltando vara, nadando, praticando remo e jogando futebol.

Sargento eficiente e sempre disponível para o trabalho, distinguia-se como bom calígrafo ao lado dos colegas Ovídio Beraldo e Otávio Cândido Ribeiro, dois notáveis piquetenses de carreiras ascendentes.

Em 1920, partira para a vida militar.

Em 1º de fevereiro de 1921, teve assentamento definitivo no Batalhão. Bem recebido e tratado, homenageou Itajubá com belíssimo soneto. Disse-o de memória, sem tropeçar, na entonação e ritmo perfeitos, vibrante de emoções. Fiz a cópia. Guardo-a com carinho.

A construção do Lar

João de Deus casou-se com a bela Giselda Citti, filha de um alfaiate italiano. Rainha de beleza em Itajubá, era professora normalista. Do casamento nasceram 5 filhos: Gil, o primogênito e, em seguida, Haidée, Djanira, Avany e Maria Auxiliadora de Deus. Educados com esmero, deles se orgulha. A árvore ramificou-se em 10 netos e 10 bisnetos, aos quais vai se referindo com detalhes emocionados. A maioria dos descendentes vive no Rio e Gil é professor universitário em Natal-RN.

JD no Rio

De Itajubá, em sua carreira militar, vai para a Capital Federal e lá chega ao Gabinete do Ministro da Guerra. Lembra-se, então, com perfeição de detalhes e riqueza memorialística, dos Generais Eurico Gaspar Dutra, Bina Machado, Góis Monteiro, Espírito Santo Cardoso e João Gomes. Conquistando as simpatias pelos bons ofícios e dedicação ao trabalho, era incumbido de tarefas de responsabilidade, às quais respondia bem. Nas redações protocolares e na organização dos almanaques militares era um expert. Tornou-se oficial administrativo, passando para o Quadro Geral dos Funcionários Cíveis do Governo. Chegou ao padrão O, o último da escala. No caminho profissional, e pelos direitos adquiridos, chegou ao posto de general, no qual está aposentado após uma estadia nos Estados Unidos durante a Segunda Guerra Mundial. Uma carreira brilhante. **Dóli de Castro Ferreira**

A Fazenda “Estrella do Norte”

Quem visita a Vila Militar da Estrela, em Piquete, não imagina que ela foi construída onde se localizava, no século XIX, uma das mais belas fazendas de café da região: a “Estrella do Norte”. Em 1905, junto com as fazendas Sertão e Limeira, ela foi comprada pelo Governo Federal, para a construção da Fábrica de Pólvora sem Fumaça.

Aguça-nos a curiosidade de conhecer um pouco dessa fazenda edificada durante o ciclo do café no Vale do Paraíba. Esse período econômico, em que Piquete contribuiu com a produção de muitas propriedades rurais, é pouco conhecido. Como num grande quebra-cabeça, as peças se perderam no tempo. É hora de se buscar elementos que contribuam para o resgate e conhecimento desse passado histórico, valorizando os indivíduos que, com muito esforço, contribuíram para o nosso crescimento social, econômico e político, e concorreram para nossa emancipação.

Assim, para melhor conhecimento de como se vivia numa fazenda de café, no século XIX, os inventários são preciosos documentos de estudo. Registram, com minúcias os bens de seu proprietário, além da data e local de falecimento, cônjuge, herdeiros, etc.

A Fazenda Estrela do Norte pertenceu ao Comendador Custódio Vieira da Silva, dignatário da Ordem da Rosa, nascido em Itajubá, em 15 de maio de 1842. Filho do Tenente Francisco Vieira da Silva e Domiciana Umbellina d’Assumpção e Silva. Ainda menino, veio para Piquete.

Casou-se, em 5 de março de 1867, no Oratório da Fazenda do Carmo, com Henriqueta Augusta Monteiro, neta do Visconde de Guaratinguetá. Após o enlace, o casal passou a residir na Fazenda Estrela do Norte, para administrá-la. Um ano após o casamento, em 6 de abril de 1868, nascia a primeira filha, Maria Domiciana, seguida de Ana, Francisco, Maria Henriqueta, Custódio Vieira da Silva Júnior e Zulmira Vieira. A filha mais velha casou-se, mais tarde, com Carlos Augusto Alvim Taques Bittencourt, que veio a ser nosso primeiro prefeito.

A Fazenda expandiu-se e aformoseou-se. Novos cafezais foram plantados, aumentando o patrimônio. Nesse período, festas memoráveis aconteciam, com convidados vindos de Minas, Lorena, Guaratinguetá e outras cidades mais distantes. Uma banda formada por escravos musicalizava os eventos. A pretexto de casamentos, batizados, aniversários ou o término de uma grande colheita, os convidados hospedavam-se na fazenda por dias seguidos, como ocorreu em 15 de junho de 1891, quando da emancipação da Freguesia de São Miguel, da qual o Comendador Custódio Vieira e seu genro Carlos Augusto Alvim Taques Bittencourt foram articuladores.

Sempre à frente dos principais acontecimentos de Piquete, Custódio Vieira partici-



À esquerda, sentada, a filha do Comendador Custódio Vieira, Maria Domiciana Vieira Bittencourt, que foi casada com o 1º prefeito de Piquete, Carlos Augusto Alvim Taques Bittencourt, e seus filhos: Custódio, Odila, Maria do Carmo, Eudóxia e Fantina. Foto tirada na Fazenda Estrela do Norte, por ocasião do fechamento do contrato de venda para o Governo, em 1905.

pou da comissão que, no ano de 1891, transformou a pequena capela na bonita Igreja de São Miguel, construindo as duas torres laterais e doando a imagem do Padroeiro. Faleceu em 21 de agosto de 1895, na Fazenda Estrela do Norte.

Por meio de seu inventário tomamos conhecimento do que era a “Estrela do Norte”: media 304 alqueires, em que eram cultivados 350 mil pés de café de quatro a vinte e dois anos, com todas as suas benfeitorias. A sede, localizada em parte elevada, dominava toda a paisagem, com esplêndida vista para os Marins. Possuía nove janelas e duas portas de frente, tendo um bem cuidado jardim, com palmeiras perfiladas. Era decorada com extremo bom gosto e luxo. O mobiliário da sala de visitas contava com sofá, duas cadeiras de braços, doze cadeiras austríacas e doze cadeiras de jacarandá e uma de balanço, dois consoles, uma mesa de centro com pedra mármore, um piano Pleyel Wolf & Cia., castiçais, garrafas para água, escarradeiras, etc. No escritório, uma secretária, um divã, duas poltronas e seis cadeiras de molas, tudo forrado de veludo “grênat” e duas mesas, com duas gavetas cada uma. A sala de jantar, com duas mesas e dez cadeiras hamburguesas, um guarda-louças envidraçado, três talhas para água e um banco comprido. Um aparelho completo de porcelana, com monograma, três compoteiras, três garrafas de cristal, uma licoreira, uma galleteira de níquel, um paliteiro, um serviço de chá e café, com monograma, xícaras e pires diversos, garrafas e copos para água e vinho, um faqueiro de prata, facas, garfos e colheres de “crystofle” e americanos. Nos quartos, três leitos à francesa para casados, dois para solteiros, onze marquesas para solteiros, um guarda-roupa, uma cômoda, um cria-

do mudo com pedra mármore, dois lavatórios de mármore, com bacia e jarro, colchões, colchas, travesseiros, almofadas, bancos, mesas, cabides, etc. Dois relógios, sendo um de parede e outro de ouro, com corrente e medalha de ouro com monograma, para algibeira, uma abotoadura de ouro com monograma.

Havia, ainda, uma capela, uma casa para negócios, uma outra, junto a esta, estrebaria para quatro animais, uma cocheira para trole, um grande pátio, antiga senzala, com quarenta e um compartimento para colonos, um paiol para milho e uma casa para engenho de cana.

Para o café, principal produto agrícola da fazenda, havia máquinas para beneficiá-lo, terreiros, lavador, tulhas e doze casas, no campo, para colonos. Contava, para o transporte da produção, com dezenove bois de carro, quatro carros, dezesseis burros de tropa, uma parelha de bestas para trole, um trole, dois selins e outros arreios usados.

Além da Fazenda da Estrela, o Comendador Custódio Vieira era proprietário da Fazenda do Sertão, uma chácara na Vila Vieira do Piquete, denominada “Collégio”, uma luxuosa casa, em Lorena, etc. Os bens inventariados alcançaram a soma de 219:168\$000 Réis e mostram-nos como vivia, numa propriedade rural, uma das mais tradicionais famílias de Piquete.

Testemunhas de uma época, as centenárias palmeiras imperiais, localizadas na Vila Militar de Estrela, são as únicas remanescentes de um passado histórico, em que todas aquelas encostas eram cobertas por milhares de cafeeiros cuidados por grande número de escravos, que ajudaram a fazer a riqueza de seu proprietário, do Vale do Paraíba e do Segundo Império.

Antônio Carlos

Riba-riba: ribeirão

Eunice Ferreira

Murmurinho, só murmurinho o denuncia. Saindo de nascentes escarpadas, lodosas, vem e desce, corta o peito da cidade. Passa casas cheias de gente sadia e morte certa, retardada. Sozinho, passa perto das pessoas, cômodas pessoas que também passam. De trevoadas, em tempos, enchia, arfava. Esbanjava em suas margens, barren-tas águas de temporal, que rompiam cam-pos de plantas, terreiros de crianças, dentro de casas, o habitável. Tempos, que ele tinha água boa e água bruta, que molhavam nos-sas camas, atiravam gente e povo, tudo fora de lugar. Às ruas. Feito andantes. Sem onde pernoitar. Rugia ronco de bicho brabo, fe-rido, descia arrancando pontes, invadindo o dos outros, levando a bicharada do quin-tal. Me lembro e sei, diziam, era a tromba d'água. Que nem hoje nem se fala mais. Tinha medo. Que água barrosa me arras-tasse a fora, me pusesse em rodamoinho sem que soubesse nadar.

Mas, tempo do bom, tempo do ruim, ficou mais manso. Que a cobra grande que era, parece ter encolhido. Repare: passa quieto, desconfiado. Como se boca de rio que foi, só falasse com as pedras que deitam nele, com o bambuzal que lhe faz sombra, com os bichos que ainda agora o visitam.

Ficou pequeno e comprido. Sem lar-gura ou rugidez sem quase barulho de rio, passa ainda. Quietos, olhantes, alheado das coisas dos homens. Desgraceiras que fez por aí, nem lembra mais. Desconversa, parece até que sempre foi assim. Que sempre desceu mansinho, mansinho, bonzinho e quieto. Que nada! Meio traiçoeiro, cobra é o que é. Esse lembra sim, pois a olho dele, vê-se que zomba. Da vida gente zomba. Da agonia anônima de muitos zomba. E zomba mais, dessas guerras que por aí guerreiam; desses homens que nem de si mesmo têm respeito. Da vida que se leva a fora, pe-las vidas de cada um. Zombeia do amor dito e só dito, o não praticado. Zomba da morte, que lhe chegou por perto, rondante, mas não o levou. Zombeteia o drama vivido de todos e de cada um; dos pensares da gente e daqueles hoje fora, sob as terras. Zanga-se, à vezes, bravo, não muito. Só meio enjoado.

Olho ele, que passante frio também a mim me olha. E rio, às dele, como as guer-ras, os homens, a vida e a morte riem. E ele olha, me vê a mim sorrindo. Passa e torna a olhar. E pedras rolantes, bichos de asas, povo dele reinante me sussurram que tam-bém ele, de tudo.... ri-acho.

CONTRA-SENSO

Você me dá a sensação gostosa fresca e gotejante de ser lasciva... De ter sido a primeira e de estar viva!

Você me dá a sensação tépida, doce e acariciante de ser importante e de ser primitiva... De ter saído de um banho refrescante de cachoeira! e de ter sido queimada por água viva!

Myrthes Mazza Masiero

CENTELHAS

Um momento de luz aquele amor. Uma explosão de estrelas! Como não perceber tanto fulgor naquele olhar de esplendentes velas.

Um momento de luz aquele amor. Uma explosão de sóis! E acostumados de viver tão sós, deixamos de seguir aquela esteira que pairou por instantes sobre nós e ofuscou-nos para a vida inteira!

Myrthes Mazza Masiero

Crônicas Pitorescas

Peru na tuba

Palmyro Masiero

Existem pessoas que guardam de tudo. Aquelas que, por exemplo, guardam dinhei-ro só porque ter dinheiro é uma boa. Aí esquecem de gastá-lo e acabam indo para o pijama de madeira sem levar nada. Mas mui-tas outras apegam-se a determinados itens e retêm suas peças a sete chaves: os coleci-onadores. Deste tipo temos os numismatas, os filatelistas, os telecartofilistas, os con-quiliogistas (guardam conchas), os de fotografias antigas, de cartões postais, de marcas de pinga, de latas de cerveja e o que mais imaginarem. Há os vivos, imitadores de sultões, mais interessados em coleci-onar mulheres. Tem louco pra tudo.

Mas alguns guardam “dias” de sua pró-pria vida em forma de fotografias, jornais, recortes, cartas, bilhetes, propaganda de eventos de sua época e por aí a fora. Gente que divide sua existência na família, no tor-rão natal, nos amigos... Um diário diferente que, de certa maneira, registra sua vida (ou parte dela) em letras ou iconograficamente e, com o passar dos anos, revive cotidianos passados. Retalhos da história.

Tudo o que escrevi agora é em função de um guardador de coisas, o meu amigo Erasmo... digo, o meu amigo... Oswaldo Peixoto. Soube, pelos nossos jornais, de sua exposição “Minha Família, Minha Ci-dade e Meus Amigos”, nas dependências de sua casa de negócios, a “Cantina Péru’s”. Ainda não a vi, mas sei do suce-so que ela registra. Fiquei sabendo de de-talhes por dois “experts” na arte de guar-dar coisas: o Prof. Ércio Molinari e o Dr. Antônio Carlos M. Chaves, que lá estive-ram. Diante de seus efusivos elogios so-mente posso concluir que vale a pena sa-ber da vida dos outros, no caso, do Oswaldo. Prometi a mim mesmo ir visitar essa exposição, ainda mais que, há tempos, na sua residência, ele me mostrou seu álbum de fo-tografias: fotos de tudo e de todos. Claro que pensei em afaná-lo, mas seria impossível. Só se eu levasse o álbum com o Peru agarrado a ele, embaixo do braço e à força...

Esta despretenciosa coluna, que sem-pre tenta mostrar fatos pitorescos da his-tória da cidade, não pode fugir à linha que lhe foi traçada. Ora, o Oswaldo Pei-xoto, sendo um personagem vivo da his-tória de Piquete, caiu certinho dentro do figurino. Vou contar uma historinha do Oswaldo Peru, nem sei se ele sabe.

Seguinte: ele era Diretor de Festas do General Carneiro, na fase áurea do clube. No dia 19 de outubro de 1958, em come-moração ao seu aniversário, ofereceu uma feijoada aos amigos. Lá estavam o José de Castro Ferreira – Presidente do Carnei-ro, o Alípio Caetano – Vice, o Almir Pantoja – Secretário, outros membros da Diretoria e grande número de convida-dos. A feijoada foi excelente, completinha, nos conformes. Só que ali estava o Alípio Caetano, um gozador inveterado. Ao fi-nal, todos satisfeitos, o Alípio sai com esta: – É a primeira vez que como feijoa-da com asa de peru, Peru!

“Às vezes, ouço passar o vento e só de ouvir o vento passar, vale a pena ter nascido.”

Fernando Pessoa (1888 - 1935) Poeta português

Exposição Fotográfica “Velhos Carnavais”, sucesso de público no Espaço Cultural “Célia Ap. Rosa”



Foto arquivo Pro-Memória



Foto arquivo Pro-Memória



Foto arquivo Pro-Memória

Acima, “flashes” da Exposição

A FCR iniciou suas atividades do ano 2000 com a exposição fotográfica “Velhos Carnavais” de Piquete.

Como costuma acontecer, contou, de maneira didática, a história dos Carnavais em nossa cidade, nos últimos 70 anos. Foram expostas fotos de blocos que já desfilaram por nossas ruas, blocos de salão e foliões em diferentes épocas dos Carnavais piquetenses.

Textos narraram a história do Carnaval, desde sua origem até os dias atuais, enfocando também os de Piquete, acrescentando, desta forma, um pouco mais da história de nossa cultura.

As escolas de Piquete visitaram a exposição, concretizando, mais uma vez, os objetivos da Fundação Christiano Rosa em trabalhar com estudantes. Os alunos desenvolveram, em sala de aula, trabalhos sobre o tema, criando oportunidade de compará-los com os atuais.

O apoio de professores e diretores, que também compareceram à exposição, é de extrema importância para a formação do cidadão consciente, da assimilação e do conhecimento da nossa cultura. Desenvolver o espírito de pesquisa, a vontade de conhecer o passado e suas raízes, faz com que nossos jovens

possam se encontrar, discutir e aprender a questionar, uma vez que passam a estabelecer relações e diferenças entre o “antigo” e o “moderno”.

A exposição fotográfica “Velhos Carnavais” recebeu a visita de aproximadamente 1.700 pessoas, em 10 dias, ou seja mais de 10% de nossa população. Orgulhamo-nos desse fato, pois, dificilmente, eventos culturais, sem apelos popularescos, conseguem atingir este patamar.

A cada evento realizado, sentimos maior participação e, por consequência, maior incentivo e certeza de que estamos no caminho certo.

Carnaval 2000, em Piquete

O Carnaval 2000 de Piquete foi movimentado: como sempre, toda a programação foi ciceroneada pela “família real”: o Rei Momo, Sebastião, a rainha, Roselene Francisca Caetano, a 1ª princesa, Adriana Maria dos Santos e 2ª princesa, Valéria da Silva Rosa. Todos animados, sambaram e alegraram os lugares por que passaram.

Houve concursos de fantasias e de bois de carnaval, escola de samba e blocos de rua, que animaram as quatro noites dedicadas à tradicional festa popular.

No concurso de Fantasias de Papel Crepom, os três primeiros lugares foram do Bloco “Unidos da Vila São José”, com as fantasias confeccionadas pela sempre ativa Maria Rosa Arantes.

A escola de samba “Império do Braz”,

organizada pelo Sr. Heitor Fancisco e pelo popular Gil, mostrou em seu desfile muita organização e beleza, com um grupo de mais de 400 pessoas.

O bloco “Unidos da Vila São José”, capitaneado pelo casal Messias e Maria Rosa Arantes, apresentou um carnaval de cores do verde e amarelo, enaltecendo as belezas do país e celebrando os “500 Anos de Descobrimento do Brasil”.

O primeiro ano do Bloco “Unidos da Vila Cristiana” foi animado e com muita garra. Seus componente agitaram a passarela.

Tivemos de volta, após anos de ausência, os blocos “Equipingão” e “Pé-de-Cana”, que, como sempre, trouxeram muita alegria e descontração para a avenida.

O esforço dos organizadores dos blo-

cos e das escolas de samba merece o respeito de todos os piquetenses: com sua empolgação e muito trabalho, levaram adiante o sonho de conduzir um Carnaval digno de Piquete.

No concurso de bois, mais uma vez, a criatividade das crianças para esta tradição de nossa cidade foi insuperável. Mais de 15 “bois” se apresentaram.

A Fundação Christiano Rosa parabeniza todos que concorreram para que o Carnaval de nossa cidade tivesse o brilho e a alegria que merece. Não houve violência. O esforço de diretores e a iniciativa de foliões, como a da superanimada “Centopéia” criada por jovens de Piquete, devem ser reconhecidos, para que não esmoreçam e renovem suas forças para o próximo ano.

A “família real” carnavalesca. Foto de fevereiro de 2000.



Foto Alzira Heckmann

Os tradicionais bois de Carnaval de Piquete.



Foto Alzira Heckmann

“Bloco de Sujos” no Carnaval de rua de Piquete. Foto de fevereiro de 2000.



Foto arquivo Pro-Memória

REDESCUBRA SUA CIDADE



Trecho da Rua Cel. Luiz Relvas. À esquerda, residência que pertenceu ao personagem que dá nome à rua.

Rua Cel. Luiz Relvas

Praticamente, esta rua é a mesma desde quando foi nomeada, apenas com seu início e fim hoje estabelecidos em logradouros que, à época de sua denominação, não existiam. O Cel. Luiz Relvas teve o reconhecimento público por meio do decreto-lei nº 10, de 30 de dezembro de 1932, pelo então Prefeito nomeado, Sr. Serafim Moreira de Andrade: “Será dado o nome de Coronel Luiz Relvas a actual rua Com. Custódio, terminando no cruzamento da rua do Piquete”. A Comendador Custódio ia do final da rua São Miguel até os “confins da Vila”.

Hoje em dia, a rua Cel. Luiz Relvas inicia

na Praça João XXIII e termina na Praça da Bandeira.

O Cel. Luiz Francisco Relvas era português, nascido no Villarinho do Bairro, em 6 de outubro de 1864. Foi proprietário da Fazenda da Limeira, mais tarde adquirida pelo Ministério do Exército para nela instalar a Fábrica de Pólvoras. Mantinha, também, na Vila, uma grande casa de comércio e, contíguo a esta, um movimentado pouso de tropas. Eleito Vereador em 1895, em 30 de julho, foi Intendente Municipal. Em 1898, foi reeleito Vereador, sendo Presidente da Câmara. Foi casado com D. Mariana Relvas. Faleceu em Piquete, em 5 de maio de 1924.

Notas da Cidade

□ A Academia Cristã de Letras promoveu, no dia 16-03, em São Paulo, a Sessão Solene de posse da Profa. Dóli de Castro Ferreira. A saudação à nova acadêmica, que ocupa a cadeira que pertencia ao também piquetense Paulo Pereira dos Reis, foi feita pelo Acadêmico Roberto Machado. É o nome de Piquete sendo elevado, mais uma vez, por uma piquetense que luta pela sua cidade. Parabéns!

□ O Rotary Club de Piquete realizou uma reunião festiva, dia 23-02, em que apresentou um projeto do qual fazem parte dentistas de Piquete e as crianças da Casa Laura Vicuña. Os profissionais envolvidos irão atender, graciosamente, às meninas daquela Instituição. Parabéns pela iniciativa e que as ações desse clube não parem por aí!

□ A E.E. “Profa. Leonor Guimarães” realizou, no dia 02-03, um “Grito de Carnaval”, em suas dependências. O baile, organizado nos moldes dos antigos carnavais, contou com concurso de fantasias e foi animado por marchinhas e músicas carnavalescas de época. Parabéns à organização pelo resgate da cultura e tradições de nossa cidade.

□ Aconteceu, no dia 11 de março, na Fazenda Santa Lydia, do Sr. João Carlos Marcuschi, mais uma reunião da associação que está sendo formada entre os proprietários de pousadas - já funcionando ou em projeto - de Piquete. O grupo vem com novas propostas, garra e vontade de levantar o turismo em nossa cidade. Precisamos de pessoas com esse dinamismo. Parabéns!

Cidades e qualidade de vida

A Faculdade de Engenharia Química de Lorena (FAENQUIL) em parceria com o Instituto de Estudos Valeparaibanos (IEV), sediou em 18 de fevereiro o Seminário que discutiu e apresentou propostas para a melhoria da Qualidade de Vida nas cidades do Vale do Paraíba. Infelizmente, como sentindo no ar que o seminário não se afastaria de discussões políticas, a classe política representada pelos atuais prefeitos e pretensos candidatos a cargos públicos nas eleições de outubro próximo, marcou discretíssima presença. Apenas as cidades de Lorena, Canas, Pinda e Jacareí enviaram representantes do poder público municipal.

O seminário, dividido em três painéis que permitiram fervorosos debates, procurou encontrar respostas para a definição de Qualidade de Vida, as limitações e o poder das administrações locais e a ingerência dos cidadãos no sentido de uma participação ativa com vistas a apontar rumos para a contínua melhoria da qualidade de vida. Regra geral, os expositores, representados por professores universitários, historiadores, médicos, engenheiros da CETESB, advogados da CEPAM e OAB, apontaram para a mesma direção: a necessidade de maior participação da sociedade com vistas a praticar o voto consciente e mudar o perfil dos políticos que administram cidades. Isso porque a classe política, que há 20 ou 30 anos faz troca-troca no poder público, é a grande responsável pelo caos instalado nas cidades do Vale do Paraíba ou não. Esses mesmos expositores venderam a idéia da necessidade da presença de novas lideranças nas administrações públicas e a valorização da Educação. Tanto isso é verdade, que uma das propostas aprovadas em plenário é a elaboração de um projeto de Educação Ambiental nos três níveis de ensino, com ênfase em meio ambiente e cidadania, possivelmente tendo a FAENQUIL como centro irradiador. Outra proposta interessante, igualmente aprovada, é a necessidade de implantação de políticas públicas, substituindo de vez ações como “o que vou fazer na minha rua” por “o que vamos fazer por nossa cidade”. E, para que tudo isso ocorra, a presença ativa do cidadão na vida das cidades é algo extremamente importante.

Particularmente, esse Seminário se revestiu de grande importância para mim, uma vez que se alinhou quase por inteiro com idéias e sugestões que tenho discutido em seminários como esse em várias regiões de nosso Estado. Somo a isso a presença de outro filho de Piquete, estudante de engenharia na FAENQUIL, com quem tive a feliz oportunidade de discutir as sugestões apresentadas no Seminário de Qualidade de Vida e Cidades, pastor Marcos. Ao lado disso, a alegria de encontrar um dos idealizadores desse Seminário, o dinâmico educador Nelson Pesciotta, diretor do Colégio Arnolfo Azevedo à época que cursava o científico na vizinha cidade de Lorena. **Celso Colombo**

A Fundação Christiano Rosa e “O ESTAFETA” agradecem a todos que atenderam ao pedido de colaboração feito na edição número 36.

A Direção